

**AMADEU
UM BANDIDO NORDESTINO**

SÉRGIO MATTOS

2008

©Sérgio Mattos, 2008
Rua Alceu de Amoroso Lima, 314, sala 411
41820-020 Salvadore, BA
www.sergiomattos.com.br
sasmattos@gmail.com.br

Projeto gráfico e edição
Luis Guilherme Pontes Tavares
Ilustração da capa:
Sidney Falcão (Estúdio Cedraz)
Arte-final da capa
Carlos Henrique de Jesus

M444
Mattos, Sérgio
Amadeu, um bandido nordestino
/ Sergio Mattos – Salvador, 2008
98 p.
ISBN 978-85-907939-1-5
1.Literatura Baiana 2 Literatura Bra-
sileira 3 Literatura brasileira – prosa
I Título
CDU 82 (813.8)

aos meus filhos

Paula e Rafael,

a minha mulher

Denise Orrico de Araújo Mattos.

aos amigos

Consuelo Ponde de Sena,

Germano Dias Machado,

Ivan Dórea Soares,

Matilde Eugênia Schinitman,

Luís Guilherme Pontes Tavares

e Oleana Coelho Fontes

Sumário

O menino	9
O adolescente	45
O adulto	71
Quem é Sérgio Mattos	91

I

O MENINO

Ana Angélica era professora, solteira por convicção, dinâmica, mas metódica. Tinha bom coração e confiava, com fé inabalável, nas pessoas. Era das tais que ainda acreditava poder mudar o mundo aparando arestas. Era uma idealista para uns e uma ingênua, para outros.

Naquela sexta-feira do ano de 1975 levantara-se no horário habitual: seis em ponto, antecedendo, como sempre à sua mãe com quem residia no modesto, mas arrumado apartamento, localizado próximo ao prédio da Reitoria da UFBA, em Salvador. Preparou o café, deixou a mesa posta e foi ao supermercado.

À porta do supermercado, um garoto de olhos grandes, mal vestido sem chegar a ser maltrapilho, com humildade aparente e com súplica na voz, abordou a professora:

- Moça, a senhora deixa eu empurrar o carrinho? Hoje é meu aniversário - continuou antes de ouvir qualquer resposta -, preciso levantar uma grana pra curtir um bolo.

Ana parou e ficou olhando o garoto. Ela sempre pensara em adotar uma criança abandonada. Olhando-a, procurava captar algo especial no semblante, ainda sem marcas de vício, da criança. Será que mora com os pais? Indagava-se sem tirar os olhos do menino, que, sacudindo sua mão, suplicava uma resposta:

- Como é, moça, deixa ou não deixa empurrar o carrinho?

- Claro, meu filho. Vamos logo porque estou com pressa - disse olhando as horas.

Os ponteiros indicavam sete horas e dez minutos.

Entraram no estabelecimento sem problemas.

O carrinho seguia entre os corredores formados por imensas prateleiras, cheias de biscoitos, farinhas, bebidas, frios, doces, congelados e conservas.

Cheio de cuidados, o garoto foi ganhando a confiança de Ana Angélica.

- Pois é, você está sendo tão bonzinho que lhe pagarei um lanche quando acabarmos as compras. Como é mesmo seu nome?

- Amadeu - respondeu de pronto o menino, com olhares faiscantes e passando a língua nos lábios como quem saboreava algo. Talvez estivesse pensando na gostosura do bolo que ia comer.

Continuaram entre as prateleiras, entre perguntas curtas e respostas quase monossilábicas, como quem tem medo de dizer besteira. Amadeu confidenciou ter 11 anos e cinco irmãos. Disse estudar numa escola distante e que tinha até carteirinha de estudante.

- A carteirinha eu não posso esquecer. É meu documento e sem ele a polícia recolhe a gente no juizado por vadiagem - explicou.

Conversando chegaram à fila do caixa.

Amadeu ajudou a carregar os pacotes. Ao chegar ao carro, Ana bateu com as pontas dos dedos na testa, balançando a cabeça de um lado para o outro e, demonstrando contrariedade, lamentou:

- Puxa, Amadeu! Acabei me esquecendo do lanche que prometi...

- Num tem importância não, moça. Eu vou até sua casa e a senhora me dá um pedaço daquele bolo ali. - Ao tempo em que apontava para o saco que continha um bolo vistoso, todo confeitado, dos que são vendidos nas padarias e confeitarias.

- Está combinado. Então entre aqui - disse abrindo a porta do carona - e vamos logo, pois tenho um compromisso às dez horas.

Amadeu foi tratado com todas as honras de aniversariante. Comeu bolo e bebeu refrigerante com gula. Chegou a ficar triste de tanto que comeu. Sentou-se e a tudo observou com curiosidade até o momento em que, satisfeito, foi embora.

Ao trocar-se, Ana sentiu falta de seu relógio, uma herança deixada por sua avó. Era todo de ouro e trabalhado à mão.

- Meu Deus! Cadê meu relógio? - disse em voz alta e nervosa.

- O que foi, Aninha?- perguntou sua mãe da cozinha.

- Meu relógio, mãe. Não sei onde o coloquei.

Depois de procurá-lo por toda a casa, desanimada e com raiva, Ana, sentada, com a cabeça entre as mãos e de olhos fechados para facilitar a concentração, procurou reconstituir seus próprios passos desde o momento em que se levantara. Aí, seu coração bateu mais rápido. Um calafrio percorreu-lhe o corpo enquanto o sangue subia-lhe ao rosto devido à sua conclusão, na qual não queria acreditar. Mesmo assim, falou, quase gritando:

- Fui roubada! É isto! Fui roubada... só pode ter sido... – Sua voz saiu embargada.

Contou, tintim por tintim à sua mãe.

- Será que foi o Amadeu?- perguntava com um tom de quem tinha certeza.

- Não é possível. Não quero nem pensar nesta possibilidade. Depois de tudo... não, não foi o Amadeu. Não podia ter sido, ele não teve chance. O relógio deve ter caído, mãe. – Dizia, tentando acreditar nesta possibilidade.

Fez um breve silêncio e concluiu, mas em tom determinado e seguro:

- É, deve ter caído lá no supermercado. Vou até lá perguntar se não o acharam.

Nervosa, sem querer pensar em roubo, negando-se a acreditar que se tinha enganado com Amadeu, a quem dera a atenção que teria dado a um filho – ao chegar ao supermercado, a professora indagou pelo relógio. Ninguém o tinha visto. Uma moça a encaminhou à gerência, onde detalhou sua história.

- Ora, dona. Está na cara que foi o garoto. A senhora não imagina quantos roubos deste tipo ocorrem por dia numa loja de supermercado. Aqui nós mantemos uma equipe de segurança fardada e um grupo de fiscais sem farda para prevenir o roubo, que é grande. Estes vadios ficam nas portas e, às vezes, são capazes de arrebatar uma carteira de cédulas do bolso do mais prevenido cidadão sem que ele sinta nada.

- Mas eu não posso acreditar que tenha sido o garoto. Não é possível! Ele esteve todo o tempo sob as minhas vistas e já recordei todo o tempo em que estivemos juntos.

Não... não e não. Recuso-me a acreditar nisto. O relógio deve ter caído e quem o achou levou consigo.

- Aonde a senhora deixou o garoto?
- Ele deve estar noutra loja em busca de trocados.
- Tente localizá-lo e faça o que puder para trazê-lo até aqui.

Deprimida e revoltada, Ana Angélica continuava sem querer acreditar na culpa de Amadeu. E, durante todo o percurso, de uma loja a outra, tentou destruir, dentro de si mesma, a quase certeza que insistia em se apossar de sua mente, acusando Amadeu.

De seu rosto brotavam gotas de suor.

Já não prestava atenção a nada. Já tinha perdido, inclusive, a hora de seu compromisso. Invadiu um sinal de trânsito, quase bateu o carro, mas conseguiu chegar. Estacionou e saiu a procurar o menino. Encontrou-o brincando com outras crianças.

- Amadeu, venha cá – chamou, quase gritando e com voz autoritária.

Arregalando os olhos, com expressão de pavor, Amadeu encolheu-se, levantou uma das mãos e timidamente perguntou:

- A senhora vai me prender, moça?

- Não, meu filho. Eu só quero conversar com você - respondeu constrangida. A pergunta de Amadeu a deixou arrasada, pois até aquele momento procurava não ver a realidade. Ingenuamente, ela não achava ser possível que uma criança como aquela, tão meiga, de olhos tão vivos, tão prestativa, pudesse roubar só porque era pobre.

Não, ela não acreditava e estava sendo violentada. Sofria por ter sido enganada. Sofria por não poder resolver o problema. Mesmo assim, a partir daquele momento resolveu esquecer o relógio. Não queria mais saber dele porque, num lampejo materno, resolvera cuidar daquela criança e protegê-la.

- Vamos conversar, meu filho. Eu sou sua amiga. Não o levei até minha casa? Não lhe dei comida e dinheiro? Eu sou sua amiga e ninguém vai prender nem machucar ninguém.

- É moça, eu não quero ser preso porque eles batem muito na gente... – dizia apreensivo.

- Não se preocupe. Confie em mim. Vamos conversar ali no carro.

Ana segurou a mão de Amadeu que, docilmente, a acompanhou. Sentaram-se e conversaram.

- Moça, a senhora não vai me levar para a polícia não, não é?

- Não Amadeu. Esqueça isto. Estou querendo apenas conversar com você. Eu resolvi tomar conta de você. Vou transformá-lo num doutor. Você quer ser um, não é? Vou colocá-lo numa escola boa e transformá-lo em gente importante. Mas antes, Amadeu, eu quero que você me diga uma coisa: por que você fez isto comigo, que fui tão sua amiga? Diga, sinceramente, confie em mim que nada vai lhe acontecer. – Ana dizia isto de maneira terna, como uma mãe que acaba de perdoar a travessura de um filho.

Amadeu que ouvira a tudo encolhido no banco do carro, com uma expressão indefinida no rosto, talvez uma expressão de medo, transformou-se:

- Eu não fiz nada, moça. Eu não sou ladrão. Eu não roubei nada. - Afirmava com uma voz nervosa e gesticulando muito.

Ana que, até aquele momento, não havia falado em roubo, sentiu aquelas palavras como ferroadas. Toda a esperança e confiança depositadas naquela criança foram por água abaixo. Disse ao menino que não estava pensando que ele fosse ladrão, apenas que tinha perdido o relógio e que fora chamá-lo para ajudá-la a encontrá-lo.

Amadeu, apesar dos 11 anos, tinha um raciocínio adulto, uma lógica de malandro e, em cima do lance, assumindo agora uma postura arrogante e desafiadora, disse:

- Não, moça! Agora a senhora vai ter que ir comigo até ao supermercado para limpar minha barra. Eu não sou ladrão e eles estão pensando que fui eu. Desse jeito eles não vão mais deixar que eu trabalhe por lá. A senhora tem que me ajudar. Eu não sou ladrão não, ouviu? Eu fico com medo até de pensar no que eles fazem com os ladrões... – fez uma pausa e estrategicamente concluiu, frisando cada sílaba pronunciada – eles batem muito...

- Quem lhe disse isto, menino? Crianças não apanham. Mesmo quando erradas, elas são conduzidas para o Juizado de Menores, que cuida muito bem do menor abandonado –

dizia a professora, para quem bater em criança é um crime. Criança para ela é sagrada, e por isso não se deve levantar a mão contra elas.

- A senhora não sabe de nada – disse Amadeu, confiante e assumindo postura de conhecedor da causa. – Eu já vi a turma apanhando, tá... – enfatizava, olhando-a diretamente nos olhos e balançando a cabeça com ar de desdém.

- Como? Não acredito. Quando foi isto? – Perguntava a professora em tom de quem não acreditava nas asneiras que estava ouvindo.

- Um dia, meu pai estava retado porque sumiu dinheiro do bolso dele e nos levou, eu e a meus irmãos, lá na delegacia, só pra gente ver como era que ladrão era tratado. E, ainda por cima, ameaçou que, se desaparecesse dinheiro novamente, ele entregaria o culpado para apanhar como ladrão, lá na delegacia – contou o menino arregalando os olhos e enfatizando as palavras para que a professora acreditasse no que dizia.

- O que é que seu pai faz? – indagou Ana, dirigindo-se para o supermercado onde supostamente teria perdido o relógio.

- Ele é da polícia. Trabalha lá na Delegacia – respondeu Amadeu.

O gerente do supermercado havia preparado um comitê de recepção, e dois seguranças, de imediato, abriram a porta do carro, retirando o garoto que começou a dar um escândalo, gritando com todas as forças de seus pulmões:

- Não deixe não, moça. Eles vão me bater.

Ana correu em seu auxílio, pedindo calma e explicando que a criança estava em sua companhia e que, até aquele momento, ela era inocente, pois nenhuma prova existia contra ela. Em contrapartida, o gerente ponderou que ela já tinha utilizado um método que fracassara totalmente.

- Agora, chegou a nossa vez. Ou ele fala agora ou nunca. Este menino é descarado mesmo, a senhora vai ver... Eles só respeitam mesmo é a porrada – afirmava o gerente com ares de grande especialista no assunto, demonstrando que estava acostumado a resolver

problemas semelhantes no pau. Naquele tempo não havia ainda o Estatuto da Criança e do Adolescente e pivete era tratado na porrada mesmo, fosse ele culpado ou inocente.

Enquanto isto, um dos seguranças tinha levado a criança para trás de uns carros e a manobra só foi pressentida quando Amadeu começou a gritar:

- Moça... socorro, eles vão me matar. Num deixe não, moça... – Gritava implorando por ajuda.

Sua voz era tão aflita que a professora correu até o local onde um dos seguranças mantinha um revólver, calibre 38, apontado para a cabeça do garoto, que estava deitado no chão, escorado por um joelho. A cena transformou-a quase que numa louca. Aquilo não era possível, Ana não acreditava no que estava vendo. Movida por uma força interior, superior a todas as suas dúvidas, movida pelo coração de mãe que nunca fora, mas que trabalhava como tal, a professora se jogou em cima do guarda, tirando-lhe o menino das mãos. E, sem olhar para trás, correu, arrastando Amadeu. Entrou no carro e fugiu daquele lugar.

Ainda tremia, quando Ana interrompeu o silêncio.

- Está vendo, Amadeu? Eu sou sua amiga e você ainda não confia em mim, não é? Veja tudo o que fiz por você. – E após uma breve pausa, pediu – Por que não me conta tudo? – E encorajava o garoto. – Pode dizer a verdade, seja ela qual for, pois eu quero é tomar conta de você. Eu só quero ajudá-lo.

Como resposta obteve apenas o silêncio. Uma raiva incontida invadiu-lhe a alma, levando-a a parar o carro e a desabafar:

- Está certo, Amadeu. Você já conhece os dois lados da vida. Eu estou lhe dando a mão e você não a quer. Prefere continuar tendo a mesma vidinha de sempre, pois então, se quer assim, fique com ela. – Abriu a porta do carro e ordenou – Saia de meu carro, agora mesmo e desapareça. Nunca mais apareça em minha frente.

Completamente arrasada, com suas teorias jogadas por terra, com sérias dúvidas sobre em quem acreditar, revoltada, querendo sumir e com vontade de desabafar, Ana chegou em casa e chorou. Chorou até adormecer.

No dia seguinte, disse à mãe que não queria mais ouvir falar de Amadeu, de relógio, de roubo, de nada. Não queria mais tocar naquele assunto. Ponto final!

- O assunto está encerrado, mamãe. Já sofri muito e basta.

Estava sentada à mesa quando a campainha tocou. Levantou-se displicente e, ao abrir a porta, uma nova surpresa:

- Amadeu! O que você está fazendo aqui?

- É, dona Ana, eu vim ajudar. A senhora disse que tinha tanta coisa para fazer e como eu estou precisando de uns trocadinhos...

Mais uma vez seu coração falou mais alto. Ana levou o garoto até à mesa e deu-lhe de comer e beber.

Amadeu conversou, brincou, ajudou em pequenos serviços e não tocou no ocorrido na véspera. Foi como se nada houvesse acontecido.

Depois foi embora.

Com aquela visita Ana não contava. Seus planos mudaram novamente. Ela chegou a confessar à mãe sua pretensão de criar o menino.

- Se ele fosse culpado, mãe, a senhora acha que ele teria coragem de vir até aqui novamente?

- Não – respondeu a mãe com convicção reforçando a posição da filha.

- É! Estou disposta a criá-lo. Vou procurar e conversar com o pai dele. Vou oferecer uma boa educação... Acredito que ele vai concordar.

E Ana sonhou novamente.

Sonhava em recuperar uma criança jogada à realidade da vida, que nem ela mesma estava preparada para enfrentar, nem a conhecia em toda a sua nudez. Sonhava em transformar Amadeu em gente de bem.

Amadeu sumira. Há quase uma semana não dava sinal de vida. Ninguém o tinha visto, nem sabia onde encontrá-lo. Sumira sem deixar vestígios. Porém, naquele domingo, quando ninguém mais o procurava, a campainha começou a ser tocada com certa insistência.

Ao abrir a porta, Ana viu um Amadeu modificado. Um Amadeu bem vestido, calçado, tomado banho e penteado. Sim, era aquele o Amadeu com quem sempre sonhara. Abraçou o menino que ficou sem graça com a recepção e sem entender o porque da mesma. Um sorriso largo estampava-se no rosto de Ana. Chamou a mãe e exibiu o menino como se fosse um bibelô, ao tempo em que perguntava:

- Como é, Amadeu? Veio para ficar definitivamente?

- Não. Eu vim fazer uma visita e passar o dia ajudando nas coisas da casa.

Ana não lhe retrucou.

Mais tarde, durante a visita de um amigo, colega de trabalho, Ana relatou toda a sua história. Ela vibrava em sua ingenuidade pelo fato de estar atraindo o menino para o lado bom da vida. Opinião não compartilhada pelo amigo.

- Mas, Ana, você não está vendo que este menino está sendo teleguiado? Que tem alguém por trás, instruindo-o? Como você pode ser tão ingênua para cair num "conto" destes? Você falou com o pai do menino? Esteve na escola onde ele diz estudar?

E, após uma série de perguntas e análises, Júlio derrubou todos os argumentos da amiga. Àquela altura, novamente desiludida, Ana concordou que ele, que ainda não tinha sido visto, interrogasse Amadeu como se fosse da polícia.

Júlio saiu, combinando que Amadeu deveria abrir a porta.

A campainha voltou a ser tocada. Ana mandou Amadeu abrir a porta. Júlio, assumindo uma postura prepotente, empurrou a porta com certa violência e entrou dizendo em tom agressivo e voz alta, olhando para o menino:

- Está na hora, pivete! Vim aqui te buscar, não adianta choradeira. Vamos logo embora. Comigo você vai ver com quantos paus se faz uma canoa.

Ao ouvir a ameaça, Amadeu pôs-se a chorar e a gritar:

- Num deixe não, dona Ana. Ele vai me bater...

- Calma, Amadeu. Não fui eu que o chamei. Ele é da polícia e veio aqui sozinho. Ele deve ter lhe seguido.

- Ele vai me matar. Não deixe que me leve – suplicava o garoto, agarrando-se à professora que se dirigiu ao falso policial, demonstrando uma grande segurança:

- O senhor pode ser da polícia, mas o garoto está em minha casa. Não pense que vai levá-lo assim sem mais nem menos.

- Dona, pelo menos me deixe conversar com este fedelho – pediu o falso policial.

- Está certo – concordou Ana –, podem conversar naquele quarto – disse apontando para o cômodo da empregada que estava vazio.

Após um interrogatório cheio de ameaças, Amadeu ainda não tinha confessado sua culpa. Júlio desistiu da empreitada, apesar de manifestar a sua certeza na culpabilidade do garoto.

- Ele está muito bem preparado. Tem respostas prontas na ponta da língua e pensa como malandro velho. Você é quem sabe o que vai fazer daqui pra frente. Não quero nem tomar conhecimento da burrice que você está querendo cometer.

- E, após o desabafo, se despediu da amiga e foi embora.

Acreditando piamente na inocência de Amadeu, Ana Angélica resolveu realizar uma verdadeira investigação sobre a vida do garoto.

Munida de bloco e caneta, sentou-se à mesa da sala de jantar e começou a colocar tudo o que Amadeu havia lhe contado. Resgatou todas as lembranças e constatou que poucas eram as informações, ou melhor, nenhuma. Sabia o primeiro nome do menino, que seu pai trabalhava na polícia, que ele possuía outros irmãos, tinha carteirinha de estudante, mas não sabia em qual colégio ele estudava, nem sabia o bairro onde morava. Sabia apenas que Amadeu morava longe.

Ana não se desesperou. Influenciada pelos filmes policiais exibidos pela televisão, quando se desvenda qualquer mistério, partindo do nada, a professora resolveu visitar os supermercados da cidade numa tentativa de localizar Amadeu e observá-lo, sem ser vista, e, se possível, até seguí-lo.

Confiante, muniu-se de uma antiga câmara fotográfica e iniciou sua peregrinação. Não encontrou Amadeu, nem ninguém que o conhecesse por tal nome. Nenhum garoto de porta de supermercado sabia quem era o procurado. Sentindo que lhe escondiam o jogo, Ana não desistiu. Ela era teimosa, destas pessoas que quando botam uma coisa na cabeça só tiram quando se convencem que a empreitada é frustrada e que não dará certo.

Cinco dias eram decorridos desde que começara a caça ao menino desaparecido. No sexto dia, já de tardinha, quando cansada esfregava as mãos no rosto e se preparava para voltar para casa, onde um banho quente e uma sopinha lhe aguardavam, viu passar uma sombra que lhe era familiar. Colocou às pressas os óculos no rosto, conferiu direito e eis que Amadeu lá estava, junto a uma árvore, conversando com mais dois garotos. Ana teve ímpetos de chamá-lo, de gritar por seu nome, de sair do carro e segurá-lo com suas mãos para não deixá-lo sumir novamente.

Porém, conteve-se.

Pensou friamente, armou a máquina, procurou o melhor ângulo. Ajustou as lentes à distância correta, focou e ficou na espreita, aguardando que o menino ficasse de frente para ela a fim de que pudesse ter um close que servisse para identificá-lo. Não demorou muito e Amadeu virou-se por completo. Estava distraído, olhando, ao que parece, uma arraia que caía do céu vitimada pelo ataque de uma outra cuja linha mais temperada (uma mistura de cola e vidro pisado).

Ana não perdeu nem um segundo. Apertou o botão e clic, um retrato estava feito. Rodou o filme nervosamente, mirou Amadeu novamente, corrigiu o foco, uma vez que o garoto tinha se deslocado, e disparou novamente, uma, duas, três, quatro, cinco vezes.

Um alívio gratificante tomou conta de seu corpo que relaxou. Ana sentiu-se como uma vencedora. Estava calma, satisfeita consigo mesma. Afinal, havia conseguido o que queria após uma longa semana de espera. Agora só lhe restava revelar o filme e iniciar nova peregrinação para localizar quem conhecesse Amadeu e daí partir para saber seu endereço e fazer contato com o pai dele.

Suas fotos não estavam muito nítidas. Ela tinha consciência de seu amadorismo de fim de semana. Mesmo assim estava satisfeita. As fotos davam para identificar o garoto apesar de um tanto quanto desfocadas.

Com as três melhores fotografias na bolsa dirigiu-se aos supermercados para dar início à segunda fase do plano arquitetado. Naquele dia ela sentia, em seu íntimo, que a batalha ia ser mais fácil. E sua certeza se concretizou ainda naquela manhã, quando, na segunda loja que visitava, encontrou um rapaz que disse saber onde morava o Amadeu. O rapaz se prontificou a levá-la até a casa do menino. Satisfeita Ana abriu a bolsa e sob os olhares interessados do adolescente, retirou uma cédula e lhe deu como gratificação. Marcou um encontro com o rapaz, ali mesmo, para as cinco horas da tarde.

Às cinco em ponto, o encontro aconteceu no supermercado do Canela.

Ao chegar, teve a impressão de que o rapaz estava um tanto quanto ansioso como quem espera pela namorada atrasada. Ao vê-la, sorriu. Automaticamente, toda a insegurança que parecia ter foi substituída por uma confiança de quem sabe o que faz. Correu ao encontro da professora, ajudando-a a fechar os vidros do carro e foi logo explicando:

- Vamos logo, dona. Agora mesmo ele deve estar em casa. Precisamos ir logo. É bem aqui pertinho do Campo Grande.

E Ana o seguiu. O rapaz dobrou a esquina que limitava o supermercado com a praça existente no local e se dirigiu por uma rua próxima, em direção à praia da Gamboa, situada abaixo da Avenida Contorno. Ele andava rápido, o que exigia de Ana um esforço maior para acompanhar-lhe o pique. Próximo a um viaduto, o rapaz parou:

- Dona, agora precisamos descer por aqui. A senhora sabe como é. Pobre só mora em barraco e nos barrancos.

Conformada, Ana continuou seguindo o rapaz. Desceram por um íngreme caminho de barro, que mal dava passagem para uma pessoa, em direção à praia. O capim viçoso erguia-se de ambos os lados, formando um corredor verde. Tropeçando numa pedra, quase escorregando de outra, Ana seguiu o rapaz o mais depressa que pôde. Um pouco mais adiante ele parou e, estendendo o braço direito, apontou com o indicador e disse:

- É ali, dona. A casa do menino que você procura é aquela.

Ana não disse nada. Apenas sorriu. Estava cansada. Tão cansada que era capaz de sentar, ali mesmo, no chão, e só levantar depois de um bom copo d'água. Armou no rosto o seu melhor sorriso e se dirigiu para bater na porta, que estava fechada.

Quando ia levantando a mão para tocar na porta, ela foi aberta de supetão e em menos de um minuto Ana se viu atirada ao chão da parte interior do barraco, uma vez que seu guia lhe dera um tombo, pelas costas, tão forte que desequilibrou a professora. Ao tentar levantar-se, viu-se cercada por cinco adolescentes, um dos quais lhe apontava uma arma e dava ordens aos demais:

- Toma a bolsa dela, Caveirinha. Juca, Zezé – gritava – segura a mulher. Não deixa ela se levantar.

Cinco minutos mais tarde, atônita, sem ter pronunciado uma única palavra, com medo e surpresa, Ana estava sem sua bolsa, colar e vestido. Os moleques haviam lhe deixado só com as roupas de baixo.

Ana estava sozinha. Sentada ao canto direito daquele barraco, com os cotovelos apoiados nos joelhos e as mãos no rosto. Ana chorava...

E estava chorando quando sentiu a presença de alguém, uma sombra que se delineava através do umbral da porta, tendo como fundo o lusco fusco de final de tarde. Engoliu em seco e levantou o rosto na esperança de que alguém lhe ajudasse. Tentava gritar por socorro quando reconheceu a figura junto à porta.

- Amadeu, meu filho – disse num sentimento tão grande, com a voz tão embargada pelas lágrimas e soluços que comoveu o garoto que correu em sua direção, amparando-a em seus braços.

Abraçaram-se e choraram.

Amadeu não sabia o que fazer. Não disse nada. Apenas permaneceu ao lado da professora. Ana foi se acalmando e ali mesmo adormeceu. Amadeu junto a ela permaneceu como um fiel cão de guarda.

Já era noite fechada quando Ana acordou assustada. Sentia-se uma idiota total. Não entendia como se deixara arrastar para uma cilada como aquela. Já refeita, pediu a ajuda de Amadeu, que saiu em disparada, só retornando, horas depois, acompanhado de seu Antônio, porteiro do prédio da professora, a quem indicara qual era o barraco onde Ana se achava e fugiu através do capim como quem foge do diabo.

Passados alguns dias, já recuperada do golpe que sofrera, Ana Angélica voltou a insistir na tentativa de localizar Amadeu. Ela dizia, para quem quisesse ouvir, que apostava

no menino e que estava disposta a gastar todos os anos de vida que lhe restavam na recuperação dele.

Retornou à peregrinação pelos supermercados da cidade até que um dia encontrou o garoto, isolado do grupo, sentado a um canto. Pareceu-lhe ver tristeza naquela fisionomia. Acercou-se de Amadeu, que não se mexera. Apenas levantara os olhos, frios e vazios. Amadeu não disse nada nem manifestou qualquer reação.

Ana segurou-lhe o braço, constatando que o menino ardia em febre.

Um suor frio molhou o rosto da professora que, aflita, solicitou ajuda e levou o menino até seu carro, transportando-o para sua casa, onde lhe deu tratamento adequado.

Recuperado de uma virose, mas sem poder ainda sair de casa, Amadeu, depois de quatro meses naquela casa, ganhou a simpatia inclusive dos vizinhos. Todos passaram a gostar do menino. Ana estava entusiasmada e achava que a doença tinha sido a providência divina. Mil planos foram elaborados e, pouco tempo depois, Amadeu começou a estudar.

Diariamente era levado à escola, onde cumpria um programa determinado. Ele não estava muito satisfeito com o que estavam fazendo de sua vida, pois tinha perdido a liberdade que sempre tivera.

Mas, externando gratidão, Amadeu foi aceitando tudo. Afinal de contas não tinha nada para reclamar. Tinha casa, comida, roupa lavada, tudo do bom e do melhor. Até televisão colorida assistia, sentado numa cadeira comprada só para ele, como se fosse um verdadeiro marajá. Tudo corria às mil maravilhas. Ele era o centro das atenções.

Tanto Ana como sua mãe estavam satisfeitas com a boa ação que realizaram. Conseguiram recuperar o garoto. Afastá-lo da malandragem.

Tudo ia muito bem até que um dia, na feira-livre do bairro, Ana percebeu qualquer coisa estranha com Amadeu. Ele nada comentara, apenas assumira uma postura de fastio, de fossa total. Não conversava nem brincava. Não demorou muito e ele deu uma fugida. Passou dois dias fora de casa. Quando retornou:

- Seu moleque! É assim que você retribui tudo o que estamos fazendo por você? – indagava com irritação a professora.

- Não, dona Ana. Eu fui apenas brincar um pouquinho com meus amigos. Eles estavam empinando arraia lá na feira e se eu não tivesse ido não ia conseguir dormir – justificava com humildade, reconhecendo que errara.

Ana estava nervosa. Dois dias sem o garoto abalaram a professora. Apesar das explicações, Ana sabia que tinha que castigá-lo e estava disposta a impor sua autoridade e normas em sua casa. Depois de ouvi-lo e sem acreditar muito no que o menino dizia, ela sentenciou:

- Pois bem... para você aprender, vai ficar uma semana sem assistir televisão – Disse com ênfase para impressionar o menino. Ela sabia que aquele seria um bom castigo, pois Amadeu adorava ficar horas assistindo filmes e desenhos.

Meses depois, Ana trocou o apartamento por uma bela casa na praia, onde Amadeu teria melhor ambiente e crianças de outro nível para conviver.

Já estavam na praia há duas semanas quando uma viagem imprevista levou-os ao interior. A casa ficara fechada.

Resolvidos os problemas, dias após, o retorno aconteceu com grande euforia. Várias sacolas, cheias de frutas, verduras, carne de sol e outras iguarias foram trazidas. Ao desembarcarem, no Terminal Rodoviário, Ana notou a ausência de Amadeu. Ele tinha sumido de suas vistas. Procurou pelo menino, mas nada adiantou. Amadeu sumira mesmo.

A Professora não ficou muito preocupada porque o terminal era próximo de sua casa e o menino sabia como chegar lá. Arrumou as malas e sacolas no bagageiro do táxi e foi para casa.

Já estavam descarregando as coisas quando uma vizinha foi se aproximando e comentando:

- Ora, vejam só. Vocês já estão de volta? Para onde levaram os móveis?

Um arrepio percorreu todo o corpo da professora que aflita correu em direção à casa sem responder a vizinha. Encontrou a porta apenas encostada. Entrou na casa como uma louca e o que viu a deixou prostrada. Ela não sabia se chorava ou se gritava. Não sabia o que fazer. Não conseguia nem pensar.

Em sua casa não havia um único prego. Nada. Haviam levado tudo. Tudo mesmo.

Longe dali, Amadeu divertia-se com os demais membros da quadrilha de Zacarias, o homem que arquitetava todos os roubos do grupo e que distribuía carteirinha de estudante e de identidade para os meninos. Era ele quem lhes ensinava as malandragens da vida e que, naquele exato momento, estava distribuindo os presentes solicitados como fruto do grande golpe que aplicaram naquela professora chata.

Amadeu ganhou um relógio.

II O ADOLESCENTE

Como um tapete verde ondulado, o canavial cobria as irregularidades topográficas da região.

O ônibus corria através da estreita estrada de barro, singrando aquele mar verde, espirrando a lama das poças e pulando devido aos buracos. Vez por outra, de suas janelas podia-se avistar, ao longe, no alto dos montes, alternando-se, as sedes das fazendas contrastando com os barracos de taipa dos trabalhadores rurais.

Amadeu admirava a paisagem, ao mesmo tempo cheio de curiosidade, natural de quem vai ao campo pela primeira vez, e triste, por ter sido enviado, contra sua vontade, a passar uma temporada no interior, na Roça do irmão de Zacarias, a fim de limpar a barra que estava pesada.

Zacarias não queria queimá-lo logo, pois além do "menino ter futuro", era seu sobrinho. Amadeu foi mandado ao interior para ser treinado:

- Na Roça de Pai Pedro ele vai aprender a ser homem no duro. Homem que agüenta como também sabe dar cacete. Ele vai aprender os truques da família, pois chegou a idade de saber das coisas - explicava Zacarias aos que interrogavam sobre o paradeiro do menino.

Amadeu esperava encontrar primos de sua idade. Sua decepção foi grande. Na Roça só encontrou gente adulta: seus tios, os treinadores e os trabalhadores braçais. Não foi recebido como menino. Todos lhe trataram, desde o primeiro momento, como se adulto fosse, de igual para igual, e ele também passou a ter responsabilidades definidas:

Todas as manhãs, após um passeio a cavalo ou uma sessão de ginástica para desenvolver a musculatura, Amadeu recebia orientações e treinamentos sobre como arrombar uma porta de casa ou de automóvel; como retirar uma carteira recheada do bolso de um otário sem que o mesmo percebesse; cortar uma bolsa com gilete e, até mesmo,

como se desvencilhar de mãos que por ventura viessem a lhe segurar pelo pulso ou braço. Na Roça, Amadeu recebia um treinamento rigoroso, afinal de contas ele seria um contribuinte para a riqueza daquela quadrilha familiar. Por isso tinha que aprender tudo, dos golpes mais baixos aos mais emaranhados planos para roubar bancos, dar desfalques, realizar seqüestros etc. Ele foi para a Roça para aprender e isto, ninguém duvide, os seus professores estavam dispostos a realizar, transformando-o numa verdadeira máquina de fazer dinheiro.

Pelo menos uma vez por semana, seu tio Rufino lhe ensinava a usar faca ou navalha, mas Amadeu estava ansioso pelo dia que aprenderia a usar armas de fogo. De início, começaram por lhe ensinar a caçar. Ele tinha que aprender a caçar com espingarda e rifle, para depois utilizar um revólver.

Os dias passavam e cada vez mais Amadeu demonstrava suas aptidões. Rufino não escondia sua satisfação:

- Este menino vai longe, Maria! Ele é muito vivo, aprende as coisas com uma facilidade danada – Comentava com sua mulher e, fazendo uma pausa para uma tragada, completava, anunciando planos para um novo estágio de treinamento a que Amadeu seria submetido:

- Quando ele crescer mais um pouco poderemos mandá-lo para uma experiência de verdade, numa praça pequena, onde poderá colocar em prática tudo o que está aprendendo...

A idéia de Pai Pedro em criar este centro de treinamento foi, como ele mesmo gostava de afirmar, a melhor coisa que podia ter ocorrido em benefício da família:

- Com o aperfeiçoamento dos "tiras", nós também precisamos acompanhar o progresso, usando toda a tecnologia que estiver ao nosso alcance – explicava Pedro sempre que tinha que justificar algum gasto extra na aquisição de equipamentos.

Enquanto isso o tempo ia passando e Amadeu crescendo. Seu físico desenvolveu-se rapidamente. Já era um adolescente e com todas as suas paixões. Treinando, quando jogava a capoeira, por exemplo, parecia que estava com o diabo no corpo. Amadeu era o próprio diabo de tão bom que era no gingado. Sua agilidade era comparada a de um gato selvagem. Na região ninguém conseguia mais derrotá-lo. Amadeu estava ficando no ponto quando

começou a frequentar a Paróquia de Padre João Batista. Ele precisava ganhar a confiança para levar uma carta de recomendação do vigário.

Quando saísse da Roça, ele não poderia mais se expor a pequenos serviços nas portas de supermercados ou fazendo "bandeira" para um companheiro mais experiente surrupiar a carteira dos otários. Quando saísse dali, ele teria que dirigir seu próprio negócio e contribuir para com o quartel general com um percentual aplicado em cima do total que conseguisse arrecadar. A família era providente, não chegava a ser tão grande e organizada como a máfia italiana, mas sabia armazenar riquezas para garantir o futuro das operações ou até mesmo a aposentadoria de quem já estivesse muito marcado. As contribuições também eram utilizadas na contratação de advogados para defender algum membro do grupo e de especialistas que pudessem de alguma forma prestar serviço e transferir conhecimentos ao crime organizado.

- Bom dia padre João! Vim ajudar a missa – repetia Amadeu todos os domingos quando, realizando as funções de coroinha, ia ganhando a confiança do vigário.

Padre João era um revoltado. Estava naquela freguesia como um castigo. De meia idade, fumante inveterado, consumia também grandes quantidades de vinho por mês. A sua cota de vinho era maior do que a de paróquias maiores. As más línguas diziam até que ele tinha filhos na cidade. Se era verdade, Amadeu não sabia, mas uma menina-moça que, diariamente, procurava o padre, lhe atraía, e muito. E isto era suficiente para ele. Não lhe importava se a moça era ou não filha do padre que só andava metido numa batina preta surrada e fedorenta e com a barba por fazer. Amadeu não entendia e nem queria entender, mas quando ouvia dizer que a moça era filha do padre, ficava pensando como isto poderia ser possível, um homem tão asqueroso ser pai de uma gata tão tesuda como aquela.

Ela era tão tesuda que Amadeu já tinha se masturbado, inúmeras vezes, em sua intenção. Vez por outra, Luciana banhava-se na casa do padre, uma das poucas do lugarejo que tinha água encanada. Uma bomba, instalada na cacimba acoplada a um pequeno motor, proporcionava o que muitos apelidaram de "as mordomias do senhor vigário".

Hábil como era, Amadeu dera um jeito de deslocar um tijolo de uma das paredes do banheiro que dava para os fundos da casa, de onde ele tinha uma excelente visão do corpo da jovem, dos seios pequenos e rijos e daquele pequeno tufo de cabelos pretos cultivados no lugar mais estratégico do corpo, no alto e entre as duas belas e torneadas pernas.

Ele não se cansava de admirá-la através daquele buraco na parede. Amadeu tinha certeza de que a mocinha, de sua mesma idade, sabia de sua presença ali, do outro lado da parede, lhe observando.

Luciana ensaboava-se consciente de sua beleza morena. Ensaboava-se voltada para a greta, deslizando as mãos pelos seios e entre as pernas. Tudo era feito sem pressa. Amadeu excitava-se com o vagar voluptuoso da moça e, enquanto lambia os beiços sua mão direita proporcionava movimentos ágeis em seu próprio membro enrijecido. Para frente e para trás, alternadamente, até que um gozo forte chegasse, regando com sêmen a relva que vestia a terra do virente quintal do padre.

Após a missa dominical das seis, na semi-escuridão da cidade, Amadeu seguiu os passos de Luciana. Próximo ao oitizeiro mais frondoso, ele a abordou:

- Luciana – chamou.

- O que você quer? – perguntou a moça com aquele olhar matreiro de quem é dona da situação.

- Quero você. Quero segurar suas mãos. Beijá-la e ajudá-la a passar o sabão quando estiver tomando banho – disse Amadeu com naturalidade e segurança. Afinal de contas, ele tinha ensaiado tudo bem direitinho, tintim por tintim. Até o local onde abordaria a moça tinha sido escolhido a dedo. Amadeu não era um simples rapaz. Era um rapaz que estava sendo treinado para enfrentar todas as situações, inclusive a lidar com mulheres. Sabia pensar rápido, calcular e correr riscos com excelente margem de segurança.

Luciana de há muito vinha sentindo-se desejada pelo ajudante do padre. Em troca, lhe contemplava ora com sorrisos convidativos ora com olhares ardentes. Ela sabia que era

olhada quando se banhava e gostava daquilo. Gostava de se sentir gostosa, desejada e sabia também como provocar os olhares dos homens.

No fundo no fundo, a sua maior preocupação, uma vez que era entendida das coisas, era não casar com um tabaréu qualquer da região, que forçosamente seria mais velho e mais ignorante do que ela e não entenderia certas coisas, tais como a necessidade de se arrumar, de se vestir bem, de viajar, conhecer novos lugares e uma porção de outras coisas com as quais ela sonhava fazer um dia com o sujeito que viesse a corporificar o príncipe encantado de seus sonhos.

A moça curti revistas de fotonovelas e, sempre que possível, lia aqueles livrinhos de amor que são encontrados em todas as bancas de revistas do país. Ela vivia sonhando com seu príncipe encantado quando sentada à beira do rio, com as marolas a molhar os pés. Costumava permanecer horas e horas, sonhando na beira do rio. E poucas não tinham sido as vezes que Amadeu já tinha personificado seus vários príncipes, com quem sonhava até acordada. Ela também já imaginara aquela cena inúmeras vezes. Pensava em beijar Amadeu, deitar em seus braços. E por tudo isto, após a declaração de seu pretendente, não teve resposta melhor do que segurar as mãos daquele príncipe sem quinhão algum.

Sob a cumplicidade do frondoso oitizeiro não podiam ser vistos. Luciana sabia disto. Ela era falada na cidade por causa de seu bumbum torneado, de suas formas e pelo balanço feminino de suas ancas. Chamavam-na também de mulher sacana, que dava corda, gostava de ser admirada, de ouvir fiu-fiu, de bolinação e de se meter com homem casado, mas na hora "H" deixava todo mundo a ver estrelas. Ela gostava muito de ver o sofrimento rijo dos homens que a abordavam, suplicando carícias aliviadoras. Mas, na realidade, ela tinha era medo de ser desvirginada, pois diziam que doía muito. E, se isto era verdade, ela queria escolher a pessoa com quem iria sentir aquela dor um dia, para depois poder gozar a vida inteira. Gozar não com um macho só, mas com todo aquele que desejasse e quisesse dividir a cama com uma fêmea que exalava encanto, desejo e sexo por todos os poros.

E de mãos dadas ficaram por muito tempo. Calados. Olhando-se e, vez por outra, roçando o corpo de um no do outro. Sentindo o perfume natural do corpo, deixando que suas mãos deslizassem, livremente, sem pressa, provocando arrepios que os deixavam cada vez mais excitados.

Aquele momento foi interrompido por um cachorro que, descobrindo Luciana atrás do oitizeiro, fora lhe fazer festa, balançando ativamente o rabo cotó e latindo alegremente. Um novo encontro, entretanto, foi marcado para o dia seguinte, no local onde ela sempre sonhava.

Marcado o encontro, a moça saiu correndo com o cachorrinho a latir, acompanhando-lhe as passadas. Amadeu se deu por satisfeito. Para ele, Luciana estava no papo e, desejasse ou não, no dia seguinte seria faturada.

Através da janela aberta do quarto penetrava o luar e uma brisa refrescante. Na cama, Amadeu não conseguia dormir. Luciana não lhe saía da cabeça.

O encontro para o dia seguinte foi planejado com todos os requintes. Sobre a mesinha, colocada a um dos cantos do quarto, estava um tubo de biorene, um produto para cabelo, mas que era recomendado pelo compadre Cícero como sendo um bom lubrificante, e um tubo de xilocaína, muito utilizada nas sodomias, da capital, pelos papa-anjos, pois servia para evitar dores.

Amadeu acreditava ser um homem prevenido. Mas estava preocupado porque ele conhecia a fama de Luciana:

- Ela sempre deixa o homem a ver navios – pensava em voz alta e completava –, mas comigo ela vai ver com quantos paus se faz uma canoa.

O dia já clareava. Ciente de que não conseguiria mais adormecer, levantou-se.

Passou o dia na fossa. Não via a hora chegar. Esfregava as mãos nervosamente enquanto andava de um lado para o outro. Nem fome sentia. Horas antes da combinada, Amadeu já aguardava a chegada de Luciana sentado numa das pedras à beira do rio. Ele não via, mas podia ouvir perfeitamente, do outro lado das pedras, as vozes esganiçadas das lavadeiras. Afora isto, só o assobio do vento e o marolar das águas. Esfregou as mãos e procurou o melhor lugar para deitar-se com a moça. Descobriu, um pouco mais acima, entre duas pedras, uma verdadeira cama, inclusive, livre da vista dos curiosos.

Pouco depois, cantarolando um dos sucessos de Roberto Carlos, "o que é teu meu bem,/ é meu, é meu, é meu", ia chegando Luciana, com as sandálias nas mãos, metida num vestido azul transparente quando contra a luz do sol.

Ela vinha riscando a terra molhada da beira do rio com o dedão do pé, com paradas estratégicas, como quem faz a marcação do ritmo da música. Com os olhos apaixonados ela procurava o pretendente enquanto sua mão livre, vez por outra, se elevava até à nuca e, num gesto de volúpia, levantava os cabelos negros, deixando-os cair, esvoaçantes, sobre os ombros nus. Era a própria Vênus. A deusa que tirara o sono de Amadeu, que acordado sonhara com Luciana toda vaporosa caminhando em sua direção, de braços abertos, oferecendo-se para a imolação.

Na véspera, ao sair correndo, fugindo, deixando Amadeu sozinho embaixo do oitizeiro, Luciana encontrou, numa esquina próxima, duas coleguinhas do colégio. Tanto ria que despertou a curiosidade de Beatriz e Rosinha. A primeira, seca e comprida como um bambu, usava óculos fundo-de-garrafa e era considerada a mais burra da sala. A segunda, não era tão feia assim, mas, forçada pela mãe, uma beata que queria ter um filho para transformá-lo em padre e que só tinha uma filha por ter enviuvado antes do tempo, só usava vestido com bainha abaixo dos joelhos, manga comprida ou de três quartos e com colarinho abotoado no pescoço, quase a lhe enforcar. Apesar da aparência e do comportamento forçado, Rosinha não era aquela santa toda que a mãe imaginava. E, exatamente por isso, foi apelidada pelos freqüentadores do Bilhar do Tinôco, de "Rosinha toda pura", numa alusão a um dos mais famosos personagens de Nelson Rodrigues.

Rosinha morria de amores por Amadeu, mas nunca deixou transparecer. Imagine se a mãe dela descobre uma coisa desta? Ela sabia carregar sua cruz sozinha. Seu segredo, o amor de sua vida, estava crescendo. Crescendo tanto que um dia poderia estourar-lhe o coração. Ela tinha medo de que algo assim ocorresse, pois não podia nem avistar o

Amadeu, mesmo que de longe, no outro lado da rua, que seu coração não disparasse, como quem quer sair pela boca ou mudar de lugar, deixando de bater no peito para se agitar no pescoço, lugar visível, desmascarando seu segredo.

Ela sofria por causa da educação recebida. Sofria tanto que seu amor contido explodia com força nos pecados que cometia solitariamente nos reservados do colégio, em seu quarto, todas as noites, e onde mais pudesse ficar sozinha, sem o perigo de vir a ser perturbada. Era uma viciada na masturbação. Uma viciada, mas acima de tudo também uma apaixonada e, como toda mulher apaixonada, o ciúme falava mais alto. A idéia de um encontro entre Luciana e Amadeu deixava-lhe retada, puta dentro das calças. Aquele encontro seria o fim do mundo. Ela não podia deixar aquele encontro se concretizar.

No dia seguinte, a primeira coisa que fez foi procurar Rufino, tido como próspero plantador de cana de açúcar e pecuarista da região e fazer uma fofoca dos diabos, visando impedir aquele encontro.

Luciana e Amadeu estavam abraçados, beijando-se, explorando um o corpo do outro com as mãos, de olhos fechados, quase em êxtase, mas ainda vestidos.

De repente, dois musculosos homens arrebataram o jovem dos braços macios que o abrigavam. Apesar de aturdido Amadeu esboçou uma reação, mas nada conseguiu. Estava bem seguro. Após a tentativa foi que reconheceu os homens e o seu tio, que furioso agitava no ar alguns galhos de cansação.

Luciana não perdeu tempo. Nem ao menos olhou para trás. Simplesmente jogou-se no rio e fugiu, nadando para o outro lado da rocha, onde estavam as lavadeiras.

- Você está ficando maluco, Amadeu? Não imagina que "forçando" esta moça o delegado ia lhe cair em cima? Já pensou no que ocorreria? Você poderia acabar com a Roça, nosso quartel general, por causa de um cabaço besta de moça. Quando você quiser descabaçar alguém, a gente compra e bem baratinho e sem correr nenhum risco – desabafava o tio, expressando muita raiva. Sua voz soava estridente. E foi dizendo isto que

arrancou a camisa de Amadeu com uma só puxada e sentou-lhe umas tacadas nas costas com o buquê de cansação.

Amadeu foi castigado. A surra também fazia parte dos treinamentos...

Ao redor de um televisor todos estavam apreensivos. O noticiário da noite confirmou o que temiam: mais dois membros do grupo tinham sido mortos durante um tiroteio com a polícia. Eles integravam o grupo responsável pela distribuição de drogas nos bairros elegantes da capital e nos postos de venda de drogas próximos aos colégios particulares da cidade.

Antes mesmo do noticiário da televisão ser encerrado, Rufino deu alguns telefonemas e ficou aparentemente nervoso com as informações recebidas. Ficou sabendo que um terceiro membro do grupo, Zé Boião, tinha sido capturado vivo e não resistiria à menor pressão quando submetido a um interrogatório pendurado num pau-de-arara. Numa altura daquelas, ele tinha certeza, a polícia já devia ter em mãos informações que incriminariam o restante do grupo que atuava naquele setor, além de já saber sobre sua plantação de ervas.

A polícia estava apertando o cerco e Rufino sabia disso. Vários grupos estavam sendo desbaratados e eliminados. Estavam atirando primeiro para prender depois. Ele leu nos jornais que os americanos estavam ajudando, tanto a Polícia Federal como a estadual, no combate às drogas, usando até sofisticadas fotografias obtidas através de satélites para localizar plantações de maconha em toda a América Latina.

Antes que a bomba estourasse, Amadeu precisava sair dali. O treinamento que lhe fora dado serviu para transformá-lo num homem de alta periculosidade. A família, como um todo e não apenas aquele setor do grupo, esperava poder usufruir num futuro não muito distante, de sua capacidade.

Com uma aparência física capaz de chamar atenção em qualquer ambiente, Amadeu encarnava um tipo muito especial: um metro e oitenta de altura e oitenta quilos de músculos. Era um verdadeiro atleta. Seu rosto apresentava traços de uma masculinidade

marcante que contrastava com um olhar de expressão angelical, quase ingênuo. Tinha aquele tipo de olhar que inspira confiança nos outros com muita facilidade. Ele sabia se comunicar bem, era atencioso e perfeccionista no que fazia.

- Amadeu! – Gritou Rufino com uma voz embargada, acrescentando com firmeza quando notou que o rapaz estava atento:

- Pegue suas coisas. Chegou a hora de partir. Por algum tempo você vai ficar na casa de comadre Detinha, onde vai se inteirar de outras coisas para só então começar sua atuação profissional.

Então, encaminhou-se para o fundo da sala, onde o rapaz se encontrava em pé e deu-lhe um forte abraço. Um abraço que deixou Amadeu arrepiado, como se pressentisse alguma coisa ruim no ar. Aproveitando a proximidade, baixinho, no ouvido do sobrinho, quase sussurrando, Rufino disse, num tom carinhoso o que Amadeu jamais ouvira daquela boca:

- Te cuida garoto! Você tem futuro e nós precisaremos muito de você. Tenha cuidado com as mulheres e com as farras. E não se esqueça, quem lida com drogas não pode nem deve usá-las. Você é o futuro da família... – e concluiu ríspido, desejando-lhe boa sorte e se retirou do salão.

O silêncio foi total.

Tonhão tinha desligado a televisão e se retirado para reunir o pessoal da guarda enquanto Amadeu arrumou suas coisas, despediu-se e partiu, levando o abraço e o conselho daquele homem que exercera uma forte influência na sua formação. O que ele era, o que ele sabia, devia a Rufino.

Nem mesmo o ritmado barulho produzido pelo atrito das rodas de aço sobre os trilhos e dormentes ajudou Amadeu a dormir durante aquela viagem/fuga arranjada de última hora. Naquele trem cargueiro, ele era o único passageiro, instalado num vagão velho e sujo. Seus pensamentos e angústias eram entrecortados pelos apitos e pelo cheiro forte de lenha queimada pela velha Maria-Fumaça que ainda servia aquela região. O sacolejo, no

velho vagão, o fazia recordar o balançar de uma rede na qual conversava horas a fio, quando criança, com Zefa, a mulher que o criara, e nos ombros de quem sempre chorava e encontrava apoio. Sua mãe morreu de infecção pós-parto e de seu pai, só sabia que era a cópia fiel de seus tios, na aparência, uma vez que nunca tinha se envolvido com os "negócios" de seus parentes. Na verdade, ele não sabia nem ao menos de que doença o pai havia morrido.

Às vezes sentia uma revolta incontrolável que o levava a agredir as pessoas. Zefa, então, tentava controlar seu gênio, e sua revolta sem qualquer êxito. Seu temperamento forte, entretanto, foi domado durante sua adolescência, na Roça de Pai Pedro. Ele tinha consciência que era diferente dos outros. Seu mundo era diferente. Ele havia sido criado sem pai nem mãe. Sua educação foi toda dirigida para os interesses da família.

Ainda menino aprendeu a sobreviver, tirando vantagens daqueles que tinham o coração mole ou exercendo a força física ou a malandragem sobre os mais fracos do grupo de pivetes que circulavam vagabundando pelas ruas e avenidas de Salvador. Amadeu aprendeu a ser irônico, mentiroso e cínico. Viveu entre prostitutas, ladrões e pivetes sem, contudo, se envolver a tal ponto que viesse a ser marcado, preso ou passado por algum reformatório mantido pelo Juizado de Menores. Seus tios sabiam como utilizá-lo e, ao mesmo tempo, preservando sua ficha junto à polícia. Ele se destacou pela vivacidade e exatamente por isso estava sendo preparado para exercer a liderança do grupo e para tanto estava sendo treinado.

Na escolinha mantida pela paróquia do padre João ele continuou os estudos iniciados em Salvador. Sua educação contou também com a participação de inúmeros professores contratados especialmente para aulas particulares só para ele.

Quando chegasse à casa de Detinha iria ser submetido a novos cursos intensivos visando o ingresso na universidade. Tudo fazia parte de um plano para que assumisse, no futuro, o comando dos negócios da família.

III O ADULTO

Aos 20 anos Amadeu estava pronto. Seu treinamento estava quase concluído. Quase porque ele tinha que concluir a faculdade de Direito, onde estava matriculado. Entretanto o fato de ainda estar estudando não o impedia de agir.

Na periferia da cidade de Salvador, numa casa alugada só para isto, ele se reunia sempre com mais três membros do grupo. Estavam planejando um roubo ao Banco do Brasil, agência central da Bahia, onde já tinham observado todo o movimento e constatado as normas de segurança que não eram assim tão perfeitas, o que os estimulou a realizar a operação num fim de semana.

O plano foi executado nos mínimos detalhes. Ele tinha lido sobre todos os assaltos já realizados no país e constatado que os planos geralmente fracassavam porque os envolvidos gastavam o dinheiro antes do tempo e deixavam pistas fáceis de serem identificadas. O plano do assalto não foi muito diferente de outros praticados no país, onde não se encontrava gente habilitada como nos Estados Unidos ou na Europa, mas Amadeu soube elaborar um bem detalhado e diferente para a execução e distribuição do produto do roubo. Ele sabia que tinha que fazer diferente, fugindo do padrão que a polícia costumava investigar e que sempre lograva o êxito de recuperar o dinheiro roubado ou prender a quadrilha envolvida.

Exatamente por isso, ele não queria passar apertos nem sofrer o mesmo fim que tiveram outras pessoas após assaltarem bancos no país. Histórias que terminaram mal para os assaltantes e bem para a atuação da polícia eram divulgadas quase que diariamente nos jornais de todo o país, que publicavam detalhes de como os assaltos foram elaborados e como e porque os meliantes acabaram presos. Analisando as reportagens, Amadeu pôde identificar e classificar os tipos de erros mais comuns cometidos e identificar os métodos usados pela polícia para localizar os assaltantes. Assim sendo, planejou todos os detalhes para que nem eles nem o dinheiro fossem encontrados.

Elaborou um plano para a lavagem das cédulas numeradas. Para confundir a polícia, a distribuição das cédulas numeradas seria feita de imediato, em pequenas quantidades e por todo o país. No mesmo dia do roubo outros membros da família partiram de Salvador

com destino a vários Estados e cidades, onde as cédulas numeradas seriam repassadas antes mesmo que a polícia utilizasse os veículos de comunicação para divulgar os números das séries.

Assim, as notas numeradas foram distribuídas por todo o país e usadas para aquisição de materiais necessários às várias atividades da família, que iam de desmanche de carros, distribuição de drogas e roubos de automóveis exportados para o Paraguai até seqüestros relâmpagos. Os jornais publicaram sobre a ousadia dos assaltantes e as declarações dos delegados, tanto da Polícia Civil da Bahia como da Polícia Federal que, sem pistas, ficavam conjecturando e declarando que a quadrilha devia ter ramificações internacionais e que este assalto devia estar ligado a outros assaltos realizados recentemente no sul do país.

Cada grupo da família mantinha elos com outros grupos que atuavam sempre independentes uns dos outros. Caso uma facção fosse descoberta ou desmantelada pela ação policial, eles jamais seriam conectados com as demais. Os elos eram sempre as pessoas da família, os demais membros que integravam o grupo eram selecionados a dedo para tarefas específicas e seguiam as ordens com muita disciplina e uma determinação militar. Quanto menor o grupo envolvido em cada operação, melhor, pois não podiam se dar ao luxo de que as informações vazassem. As coisas tinham que ocorrer com rapidez e tudo era controlado e analisado. Tinha um grupo na família, formado pelos estrategistas, que acompanhava o comportamento de cada membro da quadrilha para evitar surpresas e traições. Se por acaso fosse detectado algum traidor, ele seria eliminado como queima de arquivo o que serviria também de lição para os outros envolvidos. A lealdade e as normas de procedimento do grupo eram seguidas à risca.

Em algum lugar, onde nem mesmo Amadeu sabia, os membros mais velhos da família mantinham uma central de computação interligada, mas ao mesmo tempo cercada de cuidados que não deixassem rastros na Internet. Demonstrando muita sofisticação, o grupo usava micro-computadores portáteis importados.

O assalto do Banco do Brasil foi denominado como sendo Operação Fantasma – tinham que agir rápido, com eficiência e eficácia, sem deixar qualquer tipo de vestígio que pudesse incriminar ou levantar suspeitas sobre qualquer um dos participantes.

Amadeu comandou pessoalmente as ações do seu grupo composto por mais três companheiros. O assalto foi um sucesso e o plano de distribuição do dinheiro estava a pleno vapor. As cédulas usadas não tinham qualquer tipo de controle por parte do banco. Esta parte do dinheiro ficou com o grupo para as operações normais e para cobrir custos. As cédulas novas numeradas, que ainda não tinham entrado em circulação foram separadas e distribuídas em parcelas as mais variadas possíveis por cerca de 50 pessoas que agiram como agentes de ligação – pombos correios – levando pequenas quantias de cédulas para várias partes do país. Alguns viajaram de avião, outros de ônibus, outros de automóveis particulares. Entre a hora do roubo concluído e a da descoberta do mesmo, todos já tinham partido.

Tudo havia sido cronometrado. Carros particulares e dois aviões de uma companhia de taxi aéreo foram alugados e passagens de ônibus haviam sido compradas com antecedência e os pombos correios devidamente selecionados. Um dos aviões foi para Recife e outro para o Rio de Janeiro, de onde novas redistribuições do dinheiro e troca de pessoal foram realizadas.

O banco só divulgou a relação das séries das cédulas roubadas três dias depois do roubo, pois eles não levaram todo o dinheiro. O plano foi tão bem arquitetado que tiveram na madrugada de domingo todo o tempo necessário para separar inclusive o que queriam. De cada monte de cédulas novas devidamente etiquetadas e de vários valores, eles retiraram, aleatoriamente, apenas cerca de dez a quinze por cento de cada, dificultando inclusive a conferência. Foi necessário que a Casa da Moeda fosse contatada para informar todas as séries remetidas para a Bahia, pois o montante de cédulas deixadas no banco foi misturado de propósito. E só na quarta-feira o Banco Central resolveu cancelar todo o lote. Quando isto aconteceu mais de 90% do dinheiro roubado já tinha sido trocado por cédulas menores, em outros bancos do país, em supermercados, mercearias, periferias e interior dos Estados onde o dinheiro roubado já estava circulando desde segunda-feira.

Um batalhão de menores foi mobilizado em vários pontos do Brasil para trocar o dinheiro. Os meninos e os adultos envolvidos nesta operação estavam trocando as cédulas da maneira mais simples e direta possível: comprando passagens de ônibus e adquirindo, nos shoppings e supermercados, todo tipo de objetos: roupas, lanches, equipamentos, sorvetes, remédios, mantimentos, etc. O troco obtido era perfeitamente legal e quando as primeiras cédulas começaram a ser identificadas como pertencentes às das séries divulgadas pela imprensa, a família já tinha trocado todo o dinheiro numerado, não sendo mais possível identificar como ela chegou até aquela loja ou comerciantes. As pistas tinham se evaporado como num passe de mágica.

O sistema de distribuição das cédulas confundiu a polícia totalmente. Quando algumas cédulas roubadas começaram a ser identificadas, elas estavam aparecendo em todos os recantos do país simultaneamente e começaram a ser apreendidas, mas não tinham uma ligação concreta com nenhuma pessoa individualmente ou grupo. A distribuição se diluiu e as cédulas apreendidas só serviram para complicar a vida dos comerciantes que além de terem que procurar a polícia, justificar como a tinham recebido e ainda arcavam com o prejuízo, apesar de pequeno devido a diversidade de locais utilizados para as trocas.

Considerando que a divulgação das cédulas roubadas só ocorreu na quarta-feira, nas grandes cidades, e mesmo assim apenas a população letrada ficou atenta para o fato. As emissoras de televisão, por meio dos telejornais das redes nacionais deram todos os detalhes. Mas pela TV dificilmente a população e os negociantes poderiam gravar os números das séries das cédulas roubadas. A notícia alertava que a população deveria ficar atenta foi divulgada, mas não ajudou muito. Os jornais impressos, de quinta-feira, estavam repletos de notícias e informações sobre os números das séries de cédulas roubadas, mas mesmo assim esta divulgação só obteve um maior espaço na imprensa da região onde o roubo tinha ocorrido.

A polícia não imaginou que em dois dias as cédulas pudessem estar em vários pontos do país. Apenas os bancos de todo o país receberam informações mais detalhadas. Mas o grupo de Amadeu não era burro e fazia a coisa de maneira lógica, programada e em benefício da família e não para os membros participantes do assalto. Assim eles não cometeram os erros que outros já cometeram antes, tais como, dividir o produto do roubo entre eles e dispersando o grupo. Os três rapazes que participaram do assalto com Amadeu sabiam das coisas e nenhum deles exibiu comportamento diferente do que sempre tiveram, não apareceram com dinheiro fácil, nem fizeram compras à vista e que pudessem chamar a atenção sobre eles. Ninguém comprou carro, nem apartamento nem roupas caras. Continuaram mantendo o mesmo padrão de vida e as rotinas de sempre, pois sabiam que a família cuidaria de tudo e que seriam beneficiados depois.

O dinheiro foi todo distribuído. De cada cinco mil reais de cédulas novas roubadas pelo menos três mil retornou para a família como dinheiro lavado e legal e por meio das contas mantidas em vários bancos em nome de empresas ou de pessoas ligadas ao grupo e em montantes normais que não chamassem atenção, pois o governo havia baixado

recentemente algumas normas que acabaram com as facilidades existentes antes que permitiam a abertura de contas fantasmas abertas com CPFs falsos. Agora não podiam nem movimentar quantias acima de cinco mil reais, pois os bancos tinham que notificar o Banco Central sobre qualquer movimentação acima deste valor.

O dinheiro trocado era coletado e depositado posteriormente em contas individuais ou de empresas do grupo, onde permaneciam por algum tempo e começavam a circular de uma conta para outra como se fosse uma “corrente” do mesmo tipo das que circulam na internet, onde cada membro da família numa determinada cidade recebia uma lista contendo 10 contas e o nome dos bancos onde ele deveria depositar o dinheiro lavado. Por sua vez ele encaminhava uma nova lista com nomes de novas pessoas, novos número de contas e de bancos para outras cidades e pessoas para que os depósitos fossem os mais variados possíveis e provenientes de locais diferentes, visando confundir mais ainda qualquer tentativa de rastreamento. Este complexo processo funcionou pelo menos durante três meses, lavando totalmente o dinheiro e diluindo também os depósitos sem que ninguém conseguisse levantar a origem, pois todos eram pequenos montantes transferidos. Até dinheiro remetido por meio dos Correios, que hoje são confiáveis, foi feito para outras regiões e pessoas. Esta malha de contas bancárias envolvia um total de cerca de mil pessoas e cem pequenas empresas facilitando toda a transferência simples para os pontos mais necessitados. A quadrilha mantinha vários postos. Até a infra-estrutura de um jogo do bicho, mantido por um membro associado, foi utilizada na lavagem do dinheiro.

A imprensa cobrava resultados da polícia que além de não estar preparada para este tipo de organização, estava totalmente perdida. As investigações realizadas nunca levaram a nada, confundindo ainda mais os policiais. Este ficou conhecido como o maior roubo a um banco já ocorrido no Brasil sem que tivesse sido descoberto, entrando para o rol dos crimes nunca resolvidos. Todos os outros acabavam sendo elucidados porque os assaltantes roubavam para eles mesmos e gastavam o obtido de imediato. No caso do roubo planejado por Amadeu, que tinha trocado idéias com seus mestres e parentes era perfeito, porque tinham objetivos diferentes.

Após a empreitada, Amadeu mais uma vez se afastou da família para ficar fora de qualquer suspeita e dedicou-se aos estudos concluindo o curso de Direito. Ele mantinha um escritório montado pela família para encobrir os negócios que iam do contrabando a uma

rede de distribuições de drogas, da exploração de casas de massagem a roubo de bancos. Amadeu se transformou no grande estrategista do grupo, apesar de não aparecer como vinculado diretamente àquela família que possuía suas concepções e conexões em todos os segmentos da comunidade e com as pessoas certas que se dispunham a assumir as responsabilidades quando necessárias. O dinheiro corria solto – grande parte foi usado para compra de dólares e euros, outra parte foi investida em títulos e ações nas Bolsas de Valores e de Mercadorias – sempre em limites que não chamassem a atenção e sempre por aqueles do grupo pensante que não ultrapassava o número de cem.

O dinheiro também foi usado para financiar eleições de vereadores, deputados e até senadores. A família financiava campanhas e realizava lobbies junto aos órgãos públicos. Além de corromper funcionários públicos de segundo e terceiro escalões, juízes e policiais.

Como advogado Amadeu era dono de um cinismo e ironia sem igual. Era temido pelos adversários e muito procurado devido ao sucesso obtido nas causas que defendia. Ele sabia usar as pessoas certas no momento certo, obtendo, por meio da família, a ajuda necessária para obter vitórias em suas causas. O código de lealdade entre eles era preservado acima de todo e qualquer interesse individual. Os interesses e a segurança da família sempre prevaleciam. Dono de uma inteligência privilegiada, Amadeu – com sua aparência de homem bem sucedido, determinado e bonito – realizou várias conquistas. O seu lado fraco era mulher, mas nunca esqueceu o conselho do seu tio Rufino. Nunca se envolveu a ponto de ter sua liberdade comprometida. Encontrava-se com a mesma mulher no máximo três vezes e mesmo assim no período de um ano para não criar vínculos e dependências.

Manteve aventuras amorosas com mulheres ricas e finas para conseguir projeção na sociedade, pois a elas cabiam os convites para reuniões de alta cúpula, onde Amadeu mantinha novos contatos a ponto de ter, por exemplo, certa feita, estimulado alguns filhinhos de papai, nos quais identificou problemas de caráter, a formarem pequenas quadrilhas que quando desbaratadas eram identificadas como quadrilhas de grã-finos.

A família chegou a cogitar na possibilidade de Amadeu se casar para manter as aparências. Mas depois de muitas dúvidas sobre quem poderia ser a mulher, a sua possível origem familiar e de analisar qual poderia ser a influência que ela teria em sua vida, acabaram desistindo desta possibilidade que poderia criar problemas mais sérios do que os

que eles já enfrentaram até aqui. Depois de muitas reuniões decidiram que seria melhor que Amadeu se inscrevesse em um partido político e elegê-lo deputado federal, tido como sendo o melhor emprego que existe no país. No Congresso ele poderia armar uma nova teia de pessoas e a família angariar muito mais lucros com desvios de verbas, tráfico de influência e uma série de outras coisas que hoje são classificados como dentro do rol dos crimes do colarinho branco, às vezes denunciados, mas raramente punidos. O grande problema seria ficar independente dentro do sistema, sem chamar tanta atenção sobre si e ser ao mesmo tempo atuante e marcante.

Amadeu foi eleito deputado federal e uma nova fase de vida começou, bem como a família começou a mudar os métodos utilizados passando suas ações para um plano mais globalizado e com o envolvimento de empresas multinacionais, onde a corrupção e os interesses também rolavam com intensidade e altas cifras. Amadeu se especializou também em Direito Internacional. Atuando, tanto como político como advogado nesta área, acabou fazendo uma enorme fortuna. Sua grande preocupação era não cometer os mesmos erros de Al Capone e para tanto mantinha seus impostos em dia. Não queria problemas com a Receita do país.

Suas atuações internacionais acabaram levando a família a negociar com armas e com mercenários, promovendo ações em vários países terceiro mundistas. Os lucros eram altos e garantidos, mas a segurança pessoal era difícil. Como deputado Amadeu foi representar o país numa missão junto a países do Oriente Médio, onde empresas nacionais mantinham negócios que estavam sendo prejudicados pela ação de terroristas e por conflitos de guerra constantes. Numa dessas viagens, Amadeu sofreu um acidente perdendo uma perna. Ficou na Alemanha onde colocou uma perna mecânica e acabou se apaixonando pela enfermeira. A família decidiu então que seria melhor afastá-lo das atividades de campo. Ele renunciou ao mandato na Câmara, em cuja vaga assumiu o suplente que era ligado à família, garantindo a continuidade dos interesses.

Assim, aparentando uma vida normal para um homem bem sucedido, passou a viver em Bruxelas, na Bélgica, onde está instalada a sede da Comunidade Européia. Casou-se com a enfermeira alemã, com quem teve dois filhos, garantindo-lhe a permanência no continente como cidadão europeu. Passou então a desempenhar o papel de lobista junto à comunidade européia defendendo os interesses da família e de outras empresas brasileiras.

Nos momentos livres dedicava-se a elaborar planos e golpes que pudessem ser utilizados e render grandes lucros ao grupo. Com isto deixou de atuar diretamente nas ações e empreitadas da família, passando a ocupar um papel de destaque entre os estrategistas da família.

Uma nova fase de vida está começando para Amadeu que começou a estruturar um novo tipo de negócio que poderá ainda render grandes lucros para o grupo. Ultimamente, ele está colocando a cuca para funcionar, com o objetivo de montar uma rede internacional de clonagem de cartões de crédito para aplicar golpes em todos os países. Seu plano era clonar cartões de crédito internacionais de turistas, transmitindo os dados dos mesmos por meio da Internet. Com isso um cartão clonado em Paris poderia ser utilizado no mesmo dia em Londres, Roma, Nova Iorque ou em Brasília, dificultando seu rastreamento pelos sistemas de segurança das empresas emissoras dos mesmos.

Mas isso é uma outra história, pois no momento Amadeu e Gertrudes, sua mulher, estão curtindo o desenvolvimento dos filhos e viajando por países asiáticos, onde as possibilidades de fraudes e negócios eletrônicos são muito grandes e nos deixa aqui antevendo as possíveis e futuras ações deste nordestino, que se transformou no maior bandido que o país já produziu, ou seria um artista? Isto porque nunca conseguiram, aqui ou no exterior, pelo menos até agora, nem ao menos suspeitar de suas atividades...

FIM

Quem é Sérgio Mattos

Sérgio Augusto Soares Mattos, filho de Maria Helena Soares Mattos e de José de Castro Mattos, nasceu em Fortaleza, Ceará, no dia primeiro de julho de 1948. Desde 1959, vive em Salvador, tendo recebido o título de Cidadão Baiano, outorgado pela Assembléia Legislativa. Diplomado em Jornalismo pela Universidade Federal da Bahia em 1971, Mattos é pós-graduado em Comunicação, com Mestrado e Doutorado pela Universidade do Texas, em Austin, Estados Unidos. Foi o primeiro doutor da Faculdade de Comunicação da UFBA, tendo sido também responsável pela orientação da tese do primeiro doutor formado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Contemporânea da Facom/ UFBA. Mesmo dedicando-se à pesquisa e ao ensino, não abdicou de atuar no mercado e sempre se manteve no exercício do jornalismo diário, em inúmeras funções editoriais nos jornais baianos. É também poeta com oito livros publicados e compositor com dezenas de composições gravadas por diversos intérpretes, sendo que possui quatro CDs individuais com suas composições.

No ano de 2000 foi o vencedor do Prêmio de Comunicação Luiz Beltrão, na categoria de Maturidade Acadêmica. O prêmio foi outorgado pela Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, que congrega mais de 500 pesquisadores da área. A outorga do troféu ocorreu durante o XXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado em Manaus, Amazonas. O Prêmio Luiz Beltrão de Ciência da Comunicação tem a finalidade de reconhecer a qualidade do trabalho acadêmico realizado nas universidades ou nos centros de pesquisa, valorizando a atuação individual e coletiva. A meta é sinalizar, anualmente, para as novas gerações, quais as pessoas ou instituições que apresentaram contribuições relevantes para o campo das Ciências da Comunicação.

Sérgio Mattos foi diretor-coordenador da Coepp – Coordenação de Extensão, Pesquisa e Pós-Graduação Unibahia – Unidade Baiana de Ensino, Pesquisa e Extensão, no município de Lauro de Freitas - BA, além de ter sido o coordenador que implantou os cursos de Jornalismo e Relações Públicas das Faculdades Integradas Ipitanga mantidas pela Unibahia. Completando suas atividades profissionais, Sérgio Mattos ocupou a função de editor dos suplementos de Municípios e Rural do jornal *A Tarde*, de Salvador até fevereiro

de 2003. Foi o diretor de redação responsável pela criação e implantação da revista *Neon*, de arte cultura e entretenimento, que circulou de janeiro de 1999 a dezembro de 2004. Paralelamente a estas funções profissionais, Sérgio Mattos foi presidente fundador do IBL – Instituto Baiano do Livro, e presidente fundador da Alas – Academia de Letras e Artes de Salvador. Na década de 1980 do século passado foi diretor do Instituto de Radiodifusão Educativa do Estado da Bahia – Irdeb, quando foi responsável pela elaboração dos projetos para a implantação da TV Educativa da Bahia.

Sérgio Mattos é autor de inúmeros trabalhos acadêmicos, tendo escrito dezenas de artigos e capítulos de livros na área da comunicação. Dentre seus trabalhos estão os seguintes títulos de teses, livros e plaquetas:

The Impact of Brazilian Military Government on the Development of TV in Brazil (Tese de Mestrado), 1980.

The Development of Communication Policies Under de Peruvian Government, 1981.

Domestic and Foreign Advertising in Television and Mass Media Growth: A case Study of Brazil (Tese de Doutorado), 1982.

The Impact of the 1964 Revolution on Brazilian Television, 1982.

IRDEB – Relatório das atividades de 1983/1984. Comunicação, Desenvolvimento e Segurança Nacional, 1988.

Um Perfil da TV Brasileira: 40 anos de história, 1990. *Censura de Guerra: da Criméia ao Golfo Pérsico*, 1991.

A Tarde Municípios: uma experiência jornalística voltada para o municipalismo, 1993.

Bibliografia dos Docentes do Departamento de Jornalismo: produção científica, literária e artística, 1994.

O Controle dos Meios de Comunicação, 1996.

A televisão e Cultura no Brasil e na Alemanha, 1977(org.). *Televisão na era da globalização*, 1999 (org.).

A televisão no Brasil: 50 anos de história, 2000. *Imparcialidade é Mito*, 2001.

História da Televisão Brasileira: Uma visão econômica, social e política, 2002.

Mídia Controlada: a história da censura no Brasil e no mundo, 2005.

Cidadão sem fronteiras, 2007. *Comunicação plural*, 2007 (org.).

No campo literário, além de participar de várias antologias poéticas e de ter veiculado sua produção em revistas, jornais e na internet, publicou os seguintes livros:

Nas Teias do Mundo, 1973. (poemas) *O Vigia do Tempo*, 1977. (poemas) *A Batalha de Natal*, 1978. (crônicas)

Time's Sentinel, 1979 [Tradução de Maria Luisa Nunes]. (poemas)

I No Longer Sing, I Cry (Já não canto, choro), 1980. Edição bilíngüe [Tradução de Albert Bork]. (poemas)

Lançados ao Mar, 1985. (poemas)

Asas Para Amar, 1ª ed. 1995; 2ª ed. 1996. (poemas) *Estandarte*, 1ª ed. 1995; 2ª ed. 1996; 3ª ed. 1996. (poemas)

Trilha poética, 1998.(poemas)

Étendard, 1998 [Tradução de Daniel Bloom]. (poemas)

Fio Condutor, 2006. (poemas)

Amadeu, um bandido nordestino, 2008. (novela)
Os funerais